

**Escada de Cristal**

**Alessandra  
Grosso**



Alessandra Grosso

**Escada De Cristal**

«Tektime S.r.l.s.»

## **Grosso A.**

Escada De Cristal / A. Grosso — «Tektime S.r.l.s.»,

Apenas os sonhadores movem montanhas. Bem vindo à minha história. Este livro é uma mera coleção de pesadelos, sem qualquer pretensão a não ser para deixá-lo entrar nas intrincadas dobras de minha mente. Acho que todo mundo já teve pesadelos na vida, dormindo ou acordado; Posso dizer que sou um impressionante especialista e em terrores adormecidos. Pesadelos de olhos fechados são minha maldição pessoal: eu os tenho desde criança e nunca consegui explicar o porquê. Minha infância sempre esteve relacionada ao medo de que algo catastrófico estivesse para acontecer, seja para mim ou para as pessoas que eu amava. Bem vindo à minha história. Este livro é uma mera coleção de pesadelos, sem qualquer pretensão a não ser para deixá-lo entrar nas intrincadas dobras de minha mente. Acho que todo mundo já teve pesadelos na vida, dormindo ou acordado; Posso dizer que sou um impressionante especialista e em terrores adormecidos. Pesadelos de olhos fechados são minha maldição pessoal: eu os tenho desde criança e nunca consegui explicar o porquê. Minha infância sempre esteve relacionada ao medo de que algo catastrófico estivesse para acontecer, seja para mim ou para as pessoas que eu amava. Eu geralmente sentia algo semelhante a uma respiração fria em meu pescoço que fazia meus cabelos ficarem em pé; aquela mão gelada e viscosa tocando suas costas que o deixa assustado, horrorizado. De vez em quando, minha visão escurecia completamente e, para me sentir mais à vontade, eu tinha que ir e me deitar na cama. No entanto, mesmo entrando em meu quarto, eu temia o que encontraria quando finalmente fechasse os olhos. As coisas não melhoraram nada na minha adolescência: logo depois de um sonho, sempre acordava suando, tremendo. De manhã, então, obviamente, eu teria que encarar a vida novamente como todo mundo, embora ainda duvidasse do meu futuro. Mas sempre que eu tinha escolhas pessoais a fazer que os pesadelos pioravam. Naqueles momentos, minha vida se tornava um inferno facilmente; eu me fechei totalmente e sempre me perguntei o que havia conquistado até agora e o que queria da minha vida em seguida. Com o tempo, comecei a escrever meus sonhos, junto com meus desejos, a fim de analisá-los e ver se um dia se realizaram. Isso me ajudou a lançar alguma luz sobre essas questões mais de uma vez. Então pensei comigo mesmo que contaria

tudo sobre meus terrores, embelezando cada um e incluindo-os em uma coleção de todas as emoções arrepiantes que já experimentei. Peço desculpas por este presente frio da minha parte, mas minha mente também é um lugar frio e bagunçado. É a mente de uma mulher, de uma lutadora que enfrentou o mal abertamente e optou por falar sobre ele. Embora minhas palavras possam às vezes ferir as almas mais suscetíveis, não pretendo reivindicar uma posição moral elevada sobre quaisquer um de vocês. Todos tem sua própria visão de mundo; sentimos e moldamos tudo de acordo com o que nos cerca. E depois de todas as provações que suportei ao longo da vida, agora me esforço para usar meu olhar interior para criar uma visão mais frutífera do futuro. Gostaria de ver um futuro cheio de sonhos, estudos, viagens: os sonhos são basicamente desejos que o nosso coração faz. Quanto aos pesadelos, porém... Pesadelos de olhos fechados sempre foram minha especialidade, e há várias razões por trás desse fenômeno, mas a principal provavelmente é que eu sou uma pessoa tolerante, mas emocional e sensível; ao longo de minha vida, experimentei, de fato, tanto espinhos em meu lado quanto muitos dias de chuva. Mas sempre busquei a luz e acho que a melhor maneira de ilustrar essa parte de mim é por meio do meu poema favorito: Mãe para filho, de Langston Hughes.

© Grosso A.  
© Tektime S.r.l.s.

# Содержание

ESCADA DE CRISTAL	7
PREFÁCIO	8
INTRODUÇÃO	10
PARTE 1	11
ESCAPAR E FUGIR	12
CONSOLO E PROBLEMA	17
Конец ознакомительного фрагмента.	22



## ESCADA DE CRISTAL

Alessandra Grosso

**Escada de Cristal**

Título original: *Scala e Cristallo*

Traduzido por: **Carlos Crisóstomo**

*Esta é uma obra de ficção. Quaisquer nomes, personagens, lugares e organizações mencionados são obra da imaginação do autor e têm como objetivo tornar a narrativa autêntica. Qualquer semelhança com eventos ou pessoas reais, vivas ou falecidas, é mera coincidência.*

Direitos autorais © 2021 Tektime

Primeira edição: março de 2019

Edição em inglês: agosto de 2019

Edição em Português-BR: 2021

Tradutor: **Carlos Crisóstomo**

Editora: Tektime – [www.traduzionelibri.it](http://www.traduzionelibri.it)

*Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Tektime. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.*



## PREFÁCIO

*Apenas os sonhadores movem montanhas.*<sup>1</sup>

Bem vindo à minha história.

Este livro é uma mera coleção de pesadelos, sem qualquer pretensão a não ser para deixá-lo entrar nas intrincadas dobras de minha mente.

Acho que todo mundo já teve pesadelos na vida, dormindo ou acordado; Posso dizer que sou um impressionante especialista e em terrores adormecidos. Pesadelos de olhos fechados são minha maldição pessoal: eu os tenho desde criança e nunca consegui explicar o porquê.

Minha infância sempre esteve relacionada ao medo de que algo catastrófico estivesse para acontecer, seja para mim ou para as pessoas que eu amava. Eu geralmente sentia algo semelhante a uma respiração fria em meu pescoço que fazia meus cabelos ficarem em pé; aquela mão gelada e viscosa tocando suas costas que o deixa assustado, horrorizado. De vez em quando, minha visão escurecia completamente e, para me sentir mais à vontade, eu tinha que ir e me deitar na cama. No entanto, mesmo entrando em meu quarto, eu temia o que encontraria quando finalmente fechasse os olhos.

As coisas não melhoraram nada na minha adolescência: logo depois de um sonho, sempre acordava suando, tremendo. De manhã, então, obviamente, eu teria que encarar a vida novamente como todo mundo, embora ainda duvidasse do meu futuro. Mas era sempre que eu tinha escolhas pessoais a fazer que os pesadelos pioravam. Naqueles momentos, minha vida se tornava um inferno facilmente; eu me fechei totalmente e sempre me perguntei o que havia conquistado até agora e o que queria da minha vida em seguida.

Com o tempo, eu comecei a escrever meus sonhos, junto com meus desejos, a fim de analisá-los e ver se um dia se realizaram. Isso me ajudou a lançar alguma luz sobre essas questões mais de uma vez.

Então pensei comigo mesmo que contaria tudo sobre meus terrores, embelezando cada um e incluindo-os em uma coleção de todas as emoções arrepiantes que já experimentei.

Peço desculpas por este presente frio da minha parte, mas minha mente também é um lugar frio e bagunçado. É a mente de uma mulher, de uma lutadora que enfrentou o mal abertamente e optou por falar sobre ele.

Embora minhas palavras possam às vezes ferir as almas mais suscetíveis, não pretendo reivindicar uma posição moral elevada sobre quaisquer um de vocês. Todo mundo tem sua própria visão de mundo; sentimos e moldamos tudo de acordo com o que nos cerca. E depois de todas as provações que suportei ao longo da vida, agora me esforço para usar meu olhar interior para criar uma visão mais frutífera do futuro. Gostaria de ver um futuro cheio de sonhos, estudos, viagens: os sonhos são basicamente desejos que o nosso coração faz.

Quanto aos pesadelos, porém...

Pesadelos de olhos fechados sempre foram minha especialidade, e há várias razões por trás desse fenômeno, mas a principal provavelmente é que eu sou uma pessoa tolerante, mas emocional e sensível; ao longo de minha vida, experimentei, de fato, tanto espinhos em meu lado quanto muitos dias de chuva.

Mas sempre busquei a luz e acho que a melhor maneira de ilustrar essa parte de mim é por meio do meu poema favorito: *Mãe para filho*, de Langston Hughes. Seu tema principal, a escada de cristal, ilustra o período confuso que estou vivenciando e o desejo de atingir todo o meu potencial na vida.

Alessandra

*Mãe para filho* 2

Bem, filho, vou te dizer:

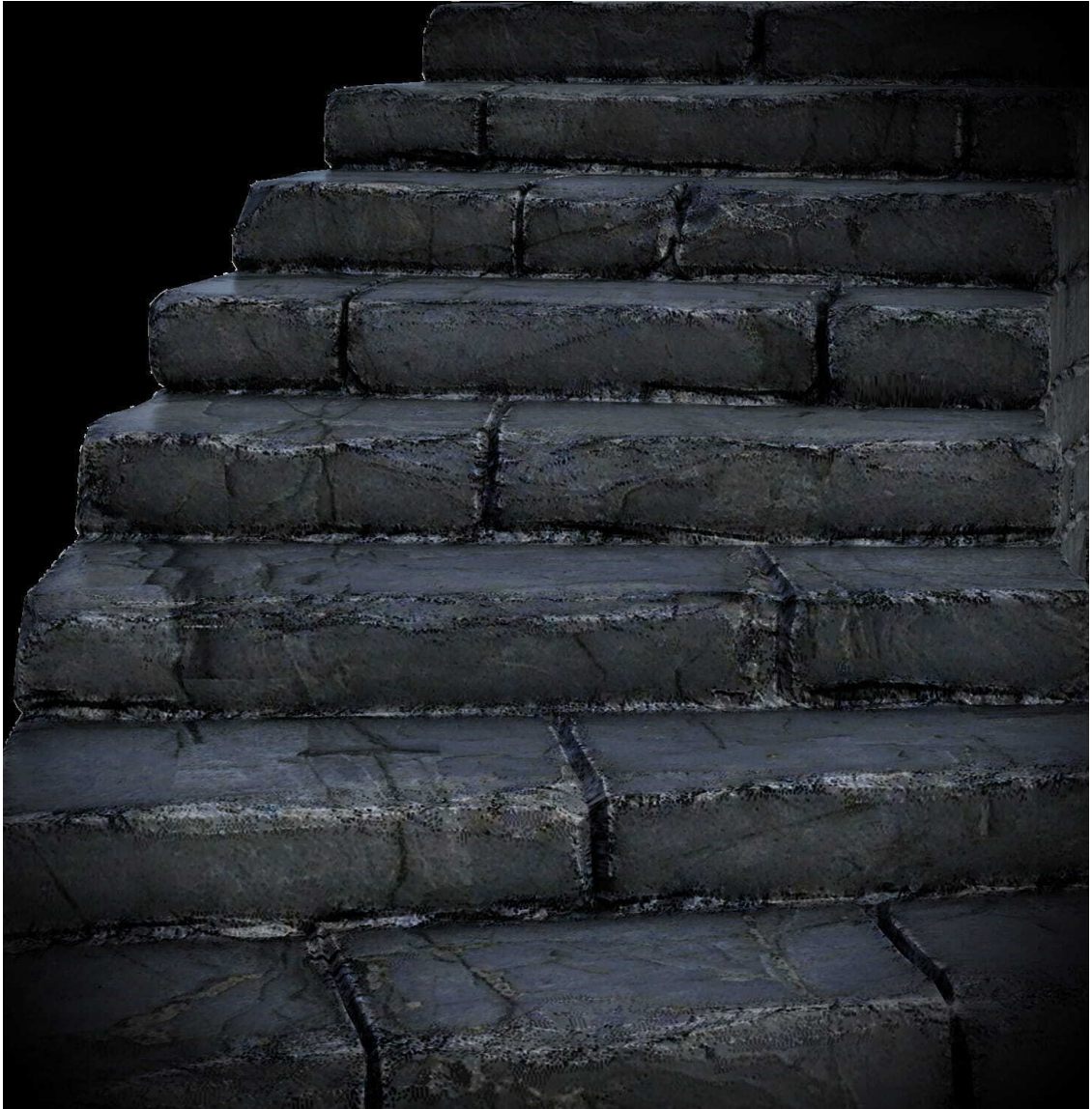
A vida para mim não tem sido uma escada de cristal.

Tem tachas,  
E lascas,  
E tábuas rasgadas,  
E lugares sem carpete no chão –  
Bruto.  
Mas o tempo todo  
Eu estive escalando,  
E chegando a pousar,  
E curvas,  
E às vezes indo no escuro  
Onde não havia luz.  
Então garoto, não volte para trás.  
Não se sente nos degraus  
Porque você acha que é mais difícil.  
Não caia agora  
Pois ainda estou indo, querida,  
Eu ainda estou escalando,  
A vida para mim não tem sido uma escada de cristal.

1 Herzog, W. (1982) Fitzcarraldo (Filme) Alemanha: Filmverlag der Autoren.↔#

2 Hughes, L.; Johnson, D. (2003) As obras coletadas de Langston Hughes, Volume 11 – Obras para crianças e jovens: poesia, ficção e outros escritos . Primeira edição. Columbia, Missouri: Gráfica da Universidade de Missouri↔#

## INTRODUÇÃO



Homens livres tomam decisões; escravos obedecem ordens.

A missão da heroína é proteger a sua vida e, com o tempo, encontrar a liberdade e a independência, bem como o equilíbrio emocional, depois de lidar com todos os seus pesadelos – que são muitos, tantas são as barreiras físicas e psicológicas que tem de enfrentar e que tomam sua própria forma assustadora.

O primeiro livro apresenta uma protagonista muito tímida que foge na frente de seus monstros. Só mais tarde ela começa a lutar – ainda com a fuga ocasional se a situação for particularmente perigosa. No final de seu complexo processo interno, porém, haverá uma prevalência distinta de lutar contra a fuga.

Esta mudança implica claramente uma evolução pessoal: ela sempre e apenas agirá para se proteger e proteger o que acredita estar certo.

Algumas pessoas a ajudarão, outras a impedirão.

Mas agora, por favor, continue lendo e aproveite.

## PARTE 1



*Tiro para a lua. Mesmo se você errar, você pousará entre as estrelas.*<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Yasmin, A. (2019) Les Brown “Atire na lua, mesmo se errar, você pousará entre as estrelas” (Podcast) <https://www.spreaker.com/user/firetoinspire/les-brown-ep-003> Acessado em 05/07/2019↔#

## ESCAPAR E FUGIR



*A vida é uma longa lição de humildade.1*

Eu estava subindo as escadas correndo para buscar a chave que finalmente nos libertaria. Eu sabia instintivamente que havia cinquenta e cinco degraus para subir e mais cinquenta e cinco para descer. Atrás de mim, portas, portões e grades antigas estavam se fechando; eu só podia ver escuridão e desespero ao redor.

Eu estava ficando perturbado e angustiado, com falta de ar; as paredes estavam desbotando de mel para creme... Eu sabia que estava entrando no inferno, mas não conseguia desacelerar. Assim que cheguei ao último degrau, pulei em direção ao quarto onde deveria estar a chave da última porta.

Nessa correria, a chave era tudo. Foi a salvação, o símbolo da libertação, nossa libertação das trevas; mas eu sabia que o monstro com garras o defenderia ferozmente: não seria fácil.

Ele tinha sido um homem em sua vida anterior, um homem forte e poderoso; um abusador.

Enfrentá-lo exigiu, na verdade, toda a minha força. Eu só pude fingir para o lado uma vez e atacar com uma cadeira de madeira que encontrei nas proximidades; uma mera cadeira contra um monstro que havia sido um ícone na vida. Uma vida de excessos, de beber até de manhã cedo, de cocaína, mulheres – milhões de mulheres – e abuso infantil, até o dia em que foi horrivelmente queimado vivo.

Tendo sempre sido particularmente sensível, porém, mesmo agora eu podia perceber sua fraqueza.

E então eu ataquei de repente: com uma finta, quebrei a cadeira na cabeça dele. A madeira rachou e quebrou, deixando apenas duas de suas pernas em minhas mãos. Profundamente perturbado, eu os usei para perfurar com raiva o peito e o pescoço do monstro.

A figura, hedionda e queimada, jazia agora no chão; achei que poderia tentar reduzi-lo a cinzas de uma vez por todas. Minha tentativa certamente o atrasaria: ele tinha pavor de fogo, que finalmente limparia sua inveja da beleza e da inocência. Foi a única coisa que ele nutriu em uma vida de tendências psicopáticas e manipuladoras.

Ainda assim, embora eu estivesse praticamente certo de seu medo obsessivo, não eu conseguia sentir nenhuma pena dele; eu tinha que me defender primeiro e neutralizá-lo de qualquer maneira.

Em sua vida, sabendo que a inveja e o ressentimento não eram socialmente aceitáveis, ele os disfarçou de charme e intelectualismo, mas seus pensamentos sempre foram sombrios e maliciosos. Dizem que a fome é mais aguda do que uma espada: acredito que a inveja é ainda mais aguda e, ao longo da história, causou discórdia, guerras e luto sem fim.

Tive então a sorte de encontrar um isqueiro no chão; era surpreendentemente o da minha juventude, que eu chamava de 'o Zippo dos meus lindos dezesseis anos' – quando fumava secretamente de vez em quando. Eu me movi rapidamente, joguei o Zippo em chamas nele e, assim que encontrei a chave, peguei-a e corri em direção à escada.

Cinquenta e cinco etapas. Eu era jovem e voei escada acima. Meu joelho doía, mas aguentei a dor: cada passo significava vida, então contei cada um continuamente.

Uma vez lá em cima, finalmente contornei o corrimão e rapidamente entreguei a chave para meus companheiros – alguns buscaram a luz, outros queriam perseguir o abismo na direção oposta.

A fechadura se abriu, mas eu podia sentir o monstro começando a se aproximar após uma breve pausa: ele estava tentando refazer seus passos. Precisávamos sair daquele lugar e correr em direção à luz, a mesma que sempre busquei.

O elaborado portão pintado de branco à minha frente era o último obstáculo, mas também me lembrava de pureza, já que sua grade era resistente e grossa e me protegia como a luz, para que o monstro ficasse longe.

Mas o que poderia ser essa aura protetora? Mera luz?

E o que era essa luz? O próprio Deus? Ou Lúcifer, como em 'portador da luz'?

Perguntas, perguntas... As respostas foram evasivas.

O monstro estava furioso, praguejando com sua voz rouca e assustadora. O portão, de fato, foi fechado e trancado novamente, e todos escaparam; a chave foi deixada para quem quisesse desafiá-lo.

Achei que não havia mais nada a fazer, então me aventurei mais longe, até uma igreja escura e sombria. Tentando desvendar seu mistério, de repente me vi sozinho na escuridão naquele lugar empoeirado e em ruínas. Continuei pelo corredor que provavelmente constituía o corredor direito e encontrei um curioso banquinho ajoelhado aos pés de uma estátua.

*Que bizarro, eu pensei. O que nunca vai...*

Estava coberto de sangue.

Um arrepio; então uma voz.

“Não existe uma e apenas uma Morte!”

O que foi? A morte não será realmente o fim de tudo? Não vamos desaparecer lentamente como fumaça?

Voltaremos ou avançaremos no tempo? Para um passado recente ou remoto, ou para uma dimensão totalmente paralela?

Percebi que já estava do lado de fora da misteriosa igreja, vagando entre samambaias. Majestosas samambaias de cadeia, com folhas brilhantes que cheiravam a selvageria e me lembraram da minha casa de campo de infância à beira do lago.

A velha casa estava agora ao alcance, parecia, mas eu estava curioso demais para parar aqui; ansiava por cruzar aquela extensão verde, na atitude inquisitiva da primeira juventude. Na verdade, minha franqueza exigia: “explore!”, Minha sabedoria: “pense!”, Meu coração: “sinta!”. Então continuei, seguindo minha natureza audaciosa.

E então uma cena do meu passado ocorreu de repente: um confronto feroz entre tiranossauros.

Eu fugi – embora possa atestar que, antes de fugir, foi me oferecido uma visão de perto dos dentes afiados dos dois animais – e notei sua postura mudando de confrontação para ofensiva absoluta. Com seus corpos musculosos colossais, eles se enfrentaram, destruindo tudo em seu caminho. Arrancaram árvores e pisotearam minhas amadas samambaias, na luta típica do período de acasalamento.

Eu estava com tanta pressa que tropecei em várias pedras que tombaram no meu caminho. A comoção chamou a atenção das feras que, imediatamente em alerta, viraram a cabeça e partiram para a caça.

Eles podiam perceber tudo, do meu cheiro ao meu medo, como muitos animais selvagens fazem.

Eu corri em desespero, minha respiração ficando pesada. Meu baço doía, sob tensão, mas eu não podia me dar ao luxo de parar agora: devia haver uma saída, em algum lugar. E às vezes é ainda mais assustador do que aquilo de que você está fugindo.

A única abertura acabou por ser um beco escuro que progredia para um túnel rachado, correndo dentro de uma cavidade natural.

Era hora de enfrentar minha claustrofobia. Com um último suspiro, eu me espremi nele. Lá fora, as feras enormes rugiram, enfurecidas, já que não podiam mais ver sua presa.

Eu me rastejei por um longo tempo – o ar viciado, fedorento e desagradável de respirar. Eu também tinha um medo terrível de aranhas e ratos, e sempre odiei os dois. Em particular, os ratos me apavoraram desde que – quando criança – entrei uma vez em nosso galinheiro e descobri um enorme rato marrom roubando ovos de um ninho. Mas eu era uma garotinha então; agora, porém, eu era uma mulher e era hora de lutar pela vida.

Lute para sobreviver ou fuja se o inimigo for maior do que você: foi o processo subjacente à sobrevivência humana. Sempre foi, e eu tive que suportar isso – por mim, pela sobrevivência da espécie humana, até mesmo por toda a humanidade.

A sociedade nunca esteve em primeiro lugar em minha mente. Antes disso, eu costumava ser socialmente inepto; uma pessoa introvertida e intratável, invariavelmente com roupas escuras e bastante deprimida, com pensamentos até suicidas. No entanto, agora era hora de superar minha turbulência emocional.

Enquanto isso, eu ainda estava engatinhando; coçando meus braços e pernas enquanto lutava para me mover para frente.

Era noite quando eu reapareci, uma noite assustadora, quase sem lua; o céu ocasionalmente ameaçador em sua escuridão, e as nuvens facilmente comparadas aos grandes felinos em termos de força e cores.

Eu ainda podia ver um tiranossauro vagando diante dos meus olhos, enquanto o observava de um terraço natural escondido.

Desci apenas à luz do dia, sentindo-me mais forte, pronto para explorar e compreender a verdadeira natureza das coisas; minha mente estava aberta a todas as possibilidades: descobrir novas criaturas, interpretar sonhos estranhos.

Os sonhos sempre foram tudo para mim; eles eram a realização de todos os meus desejos, a percepção dos eventos antes que ocorressem. Em uma ocasião memorável, foi a consciência de que meu pedido de ajuda seria ignorado – por um amigo querido que nunca me entendeu como ser humano.

Meus sonhos previram essa traição, mas eu os ignorei em minha teimosia de continuar com minha vida. Eu tinha batido a porta para minha voz interior naturalmente sensível.

A primeira vez que senti a presença dessa voz, eu era apenas uma criança; só recentemente eu tinha realmente me dado conta disso, só agora que estava escapando e lutando contra monstros.

Comecei a caminhar por um vale ascendente. Era outono, com folhas de carvalho vermelho por toda parte, caindo das árvores e no ar cheiros de chuva recém-caída, musgo selvagem.

Na minha proximidade, um local isolado apareceu; eu poderia finalmente acender um fogo para me aquecer. Felizmente eu ainda tinha uma reserva de carne seca na minha bolsa. Acendi a lareira e desfrutei confortavelmente do meu acampamento; então me deitei para avaliar a noite.

Pareceu durar para sempre; sonhei em cruzar os mares em barcos à vela desajeitados.

Ao acordar, em todos os lugares apenas orvalho e geada. Deve ter sido em meados de setembro. Enquanto eu caminhava, minhas botas afundaram em vários centímetros de folhas que cobriam o chão – botas femininas, refinadas, mas confortáveis como botas velhas de cowboy.

Essas reflexões desviaram minha atenção de uma picada fria e profunda de nostalgia, solidão e outros pensamentos tristes e íntimos. Era a mesma intimidade que eu podia sentir nas profundezas daquela curiosa floresta de carvalho vermelho, cujas folhas caindo eram vermelho sangue.

Mas logo senti que estava sendo seguido.

Essa sensação de estar sendo espionada – a percepção de que algo obscuro estava me dominando e planejando pelas minhas costas – era uma preocupação recorrente no final da minha adolescência, quando alguém deixava mensagens anônimas na minha caixa de correio. Pareciam ser mensagens de amor, mas eram tão ambíguas que chegavam a ser perturbadoras.

Apesar do meu mau pressentimento, avancei na floresta, frequentemente olhando por cima do ombro, pois ainda não me sentia à vontade; percebi a névoa, o orvalho e outra coisa que não pude identificar totalmente.

E de repente, meus sentimentos erráticos se tornaram quase tangíveis; era então um medo verdadeiro, um horror que só as crianças podem experimentar.

Eu me senti desamparado e fugi do homem de botas pretas que agora estava me perseguindo, perguntando como um maníaco: “Por quê?”

*...Por quê? Em vez disso, por que você está me fazendo essa pergunta? Pensei.*

Enquanto corria, para não entrar em pânico, planejava minha sobrevivência duradoura: era o instinto bruto, uma espécie de distanciamento natural e orgulhoso que me estimulava.

Ele pode me matar, mas nunca entraria na minha cabeça; minha mente lutou enquanto meu corpo fugia.

Correndo pelas raízes das árvores, esperava que meu perseguidor impiedoso caísse. Nem uma vez o olhei nos olhos. Olhos de crocodilo, focados e controlando furtivamente suas presas sob a superfície da água.

A intuição me disse que o homem era diabético; intuição, e vozes vindas de outras dimensões, muito, muito longe. Mas eu também sabia disso simplesmente olhando para seus ferimentos nos pés; seus pés teriam que ser amputados em breve.

Minha esperança vinha do meu espírito determinado: a esperança de que ele se cansasse, que sua doença o atacasse repentinamente durante a perseguição, que ele teve uma crise e desabou no chão.

Corri, enquanto os galhos das árvores ficavam mais baixos e mais emaranhados. Abaixei-me então, confiando em sua alta estatura para tornar o caminho ainda mais difícil para ele; sempre que podia, agarrei os galhos que deixei para trás, desejando que batessem em seu rosto.

Eu detestava o que ele estava fazendo, principalmente por causa do desespero que ele instilou em mim. Também era orgulho, em parte – admito: quem era ele para me forçar a fugir, a me roer quando já estava nas garras do medo?

Enquanto isso, eu continuei correndo, mas a corrida de velocidade logo se tornou uma corrida de resistência, e seu corpo forte parecia tolerar muito bem.

Quanto a mim, meu suor caía no chão junto com grandes lágrimas e pude sentir minha esperança se esvaindo, até que vi alguém novo na minha frente: meu avô.

Eu tinha certeza de que, sentindo minha preocupação, ele me projetaria em outra dimensão, talvez uma situação muito mais íntima e menos perigosa, e me tranquilizaria.

Minha certeza logo se provaria confiável ou não.

1 Barrie, JM (2006) O pequeno ministro . Reimpressão. Fort Worth, Texas:  
Publicações da RDMc↔#

## CONSOLO E PROBLEMA



*O futuro pertence àqueles que acreditam na beleza dos seus sonhos.<sup>1</sup>*

Era realmente meu querido avô – afetuoso na velhice, travesso na juventude.

Ele sempre foi uma pessoa astuta e problemática; ele era, até certo ponto, o típico macho italiano. Cabelo escuro, olhos castanhos escuros, pele morena bronzeada, ombros largos, ele não era muito alto, mais ou menos da minha altura, mas muito mais forte. Tínhamos apenas as mãos exatamente iguais, com dedos longos e delgados; nas mãos de um padeiro – na verdade, esse tinha sido seu trabalho para toda a vida. Ele costumava se levantar antes mesmo do canto do galo para começar seu trabalho e não precisava de nada além de sua voz cheia e calorosa de barítono como companhia, uma que fosse amigável e reconfortante, e que ouvi novamente em minha viagem de sonho.

Nosso encontro foi muito reconfortante. Ele colocou a mão calejada no meu ombro e sussurrou para não se preocupar, que tudo daria certo: ele me entendia e sabia como meus dias tinham sido difíceis até agora. Na verdade, espinhos e ervas daninhas cresceram ao longo do meu caminho emocional e bolhas se formaram em meus pés. Fiquei muito abatido.

Ele sabia o que eu estava passando. Ele havia sido um líder partidário e lutou contra o regime de Mussolini. Amava a liberdade e foi por isso que lhe foi dado o nome: Libero. Ele estava livre; ele era etéreo. Ele era um espírito agora, reivindicado por um ataque cardíaco repentino em 1996.

Tão repentino que na hora nem tive forças para vê-lo antes do enterro.

Agora, porém, ele estava na minha frente, assim como eu me lembrava dele: pele morena, ainda dinâmico e preocupado com o fato de sua neta se tornar rapidamente uma jovem mulher.

Sim, uma mulher; por dentro, eu me tornaria uma mulher. Ainda me considerava inofensiva e ingênua, mas eu sabia que muito ainda estava para acontecer e que a vida poderia ser longa e cheia de problemas.

Parece que para cada um de nossos talentos, Deus nos dá um chicote para a autoflagelação: o meu é a culpa. E foi a culpa, ao lado da minha tolerância com os filhos, resultar em outro pesadelo.

Minhas pupilas se concentraram em uma criança surgindo do nada e imediatamente correndo atrás de mim; nem mesmo uma criança sorridente: ele tinha presas e garras que podiam devorar e rasgar a carne. A pequena criatura pode literalmente me despedaçar. Ele também estava chorando – um uivo de gelar o sangue – que simplesmente me apavorou; isso me fez suar e tremer incontrolavelmente. Sempre fui muito emotivo, na verdade um verdadeiro “sentidor” – sentindo medo, neste caso.

Sentidores são pessoas sensíveis e empáticas. Eles amam uma vida tranquila, sorrisos e crianças; sofre de culpa; manter para si mesmos.

Mas eu não conseguia me fechar agora, já que a criança zangada estava me perseguindo e chorando, gritando como o vento uivante.

Tive medo de enfrentar a besta e, com ela, a perda da inocência que ela representava. Eu não tinha salvado nenhuma vez o que valia a pena salvar, então minha consciência ainda me perseguia. Eu não pude fazer nada além de escapar, novamente.

E eu não tive coragem de machucar uma criança, então apenas corri, apesar das minhas botas de salto desconfortáveis. Eles causaram uma dor surda a cada passo, junto com feridas na pele e bolhas. Foi um tormento constante.

Eu então caí sobre meus cotovelos e fui forçado a rastejar com ainda mais esforço no chão de madeira marrom; escorregadio e hostil, era tão frio quanto os olhos da criança. Eu sabia que merecia essa frieza, já que não tinha protegido os filhos suficientemente na minha vida, nem os amava o suficiente, e era por isso que todos eles estavam voltando para mim na forma desse monstro. Uma reunião amarga, mas produtiva: eu tinha que pagar por meus erros, mas também estava pronto para admiti-los.

Naquele momento, outra visão perturbadora surgiu; uma menina amarrada por uma corda e sendo jogada contra as paredes; o que era pior, eu não consegui evitar que ela se machucasse. Ela estava escorregadia, aparentemente coberta de óleo – indo em todas as direções, imprevisível.

Ela era a própria imagem da confusão que eu sentia dentro da minha cabeça.

Não sabia se devia protegê-la ou me salvar do monstro que ainda me perseguia, o garotinho tentando me agarrar e berrando: “Por que, mãe?”

A palavra me paralisou, pois – embora ame crianças – nunca pensei seriamente na possibilidade de ser mãe e constituir família. Sempre considerei isso como algo muito distante no futuro, longe de mim; um limite à minha expressividade e – odeio admitir – uma perda de elegância para o corpo feminino. Embora cuidar de uma criança possa ser recompensador, cada vez que eu tinha as filhas de meus amigos andando por aí, temia que as pragas quebrassem alguma coisa ou se machucassem.

Mas então, existem crianças e crianças. Existem bebês que são peculiares desde o nascimento. Quer dizer, todos nós temos nossas peculiaridades; mas crianças abusando de animais, por exemplo, é um aviso claro para todos. É fato que alguns serial killers costumavam maltratar animais quando crianças, e pensei que fosse o caso da criança que me perseguia no que havia se tornado uma cabana suja de madeira cheia de quartos.

Por sua violência ao quebrar objetos aleatórios, pude sentir que ele nunca havia recebido amor, mas também que carregava o mal dentro de si: tendo sido abusado, agora gostava de abusar. Era uma espécie de mal que se espalhava pelo toque como uma doença sem chance de sobrevivência, que iria persegui-lo implacavelmente e destruí-lo lentamente, no final. Foi tão terrível quanto persistente.

Eu sabia que não deveria continuar fugindo, mas reagir mais cedo ou mais tarde, mas ainda não me sentia forte o suficiente para tomar tal decisão.

Tive de evitar que o menino me machucasse e a menina se machucasse. Eu precisava de um plano, uma estratégia para subjugar o monstro e salvá-la.

Enquanto isso, meus ombros doíam também: era minha reação usual ao estresse. Por exemplo, a ansiedade diante dos exames sempre me levou a contrair os ombros inadvertidamente, com repercussões negativas nas omoplatas e nos músculos cervicais.

Ainda assim, eu tinha que agir agora.

Mudei-me para que a menina não colidisse com a parede, mas comigo; eu esperava que o impulso diminuísse logo. A corda que a prendia estava rasgada, mas muito resistente. Tentei agarrá-lo, mas a criança – ainda coberta por uma espessa camada de óleo – escorregava de minhas mãos todas as vezes. Era uma substância escura, como alcatrão, e me custou mais esforço.

Eu me senti dissecado pelos olhos do meu perseguidor e temi a morte chegando a qualquer momento, a cada respiração. O menino era minha consciência e, como tal, não me deu paz.

A consciência é o que o mantém acordado à noite, olhando sem parar para um teto imutável. Faz você passar por toda a sua vida – passado e futuro - em um instante; então você tem que escolher.

Eu escolhi salvar a criança. Eu poderia morrer, eu poderia ser despedaçado, mas eu tinha que passar neste teste.

Eu esperava ganhar forças no caminho e aprender a não fugir mais, a menos que fosse estritamente necessário. Algo dentro de mim estava mudando, e talvez fosse melhor. O que me encorajou em minha luta foi – paradoxalmente – um desejo de paz e justiça, aquela conjunção inata de bondade e dignidade dos heróis nas histórias que me contaram quando criança.

De minha parte, significou nunca aceitar o mal, sem nenhum compromisso, porque os compromissos anteriores levaram à fuga, à humilhação e à baixa autoestima. Eu não aguentava mais a depressão, precisava lutar contra ela. Na verdade, eu queria salvar a garota também porque me via em seu domínio incerto, dividido entre uma decisão e outra, confusa e insegura.

Tive que agir por impulso quando ela estava por perto. Eu tentaria cortar a corda, mas com o que? Talvez o canivete que usei para cortar minha reserva de carne-seca, assim como as amoras de que tanto gostava. Era pequeno e bastante arruinado, mas serviria ao seu propósito, já que o monstro não estava longe de mim.

Eu me lancei de cabeça, pensando que ela poderia ser minha filha e que era meu dever moral salvá-la – ou pelo menos tentar. A faca cortou facilmente a primeira parte da corda rasgada e ficou presa.

Quanto mais eu tentava, menos conseguia movê-lo.

Quando ouvi uma risada atrás de mim, senti um calafrio repentino dentro do meu peito, um arrepio correndo pelas minhas costas e fazendo meus braços tremerem – mas não por minha vontade. Naquele momento, meu pequeno perseguidor apareceu na minha frente, seus olhos verdes e terríveis.

Ele tinha escondido pequenas tachas dentro da corda.

Vivo de raiva, comecei a removê-los, enquanto tentava contrabalancear o movimento da corda com meu peso. Eu tentei desesperadamente várias vezes, picando meus dedos e amaldiçoando a dor aguda.

E finalmente a corda se rompeu. A garota só podia cair no chão, mas pelo menos seu balanço incessante havia parado.

Olhando para aqueles olhos verdes horríveis pelo que eu esperava que fosse a última vez, juntei coragem e apontei para a criança deitada no chão. Aí gritei com o monstro, já que não tinha nada além da minha voz: “Isso é obra sua, agora não tenho mais nada, nada ! Devíamos ter um vínculo no futuro, então você a tirou de mim! Agora me mate se quiser... O que mais você quer, meu sangue?”

Eu o desafiei ferozmente, mas enquanto isso ele havia mudado. Juntando minhas mãos, ele me disse que eu tinha feito a coisa certa: tinha passado no teste; eu estava ficando mais forte.

Minha força, eu forjei e afiei com paciência, como um ferreiro martela o ferro e o transforma em espadas e peças de raro valor. Mas mesmo os trabalhadores árdios cometem erros, e esse talvez seja o terreno comum da humanidade: aquele sopro trêmulo de insegurança que nos obriga a fugir ou lutar, capitular ou vencer.

Desta vez eu tinha vencido, mas a jornada continuou e outros desafios surgiram. Por um lado, eu esperava por isso, mas, por outro, ainda temia o desconhecido.

Mesmo assim, continuei com minhas botas gastas, para outros desafios e outros lugares.

Atrás de mim havia terras áridas típicas da tundra ártica, com um cheiro pungente de bétula e abetos altos assombrados pela neve do inverno. As sempre-vivas – que antes estavam ao meu redor – agora recuaram e deram lugar a um curioso labirinto.

Aproximei-me de algumas ruínas elaboradas que suportavam o peso de tantos anos quanto as camadas de líquen que as cobriam. Embora colapsados, seus contornos ainda se destacavam contra o fundo. Se eu fosse entrar no labirinto, teria que segui-los; então, com paciência, tenacidade e espírito de sacrifício, dobrei minha vontade ao destino.

Na verdade, o destino não tinha sido muito generoso até agora, dada a sequência de desafios que tive que enfrentar, que endureceram meu espírito e minha pele, fortalecendo meu corpo, mas me cansando completamente.

Luta que eu conhecia bem, minha amiga e companheira de todos os dias, como uma mulher que nunca se engana: incrível, mas sem piedade.

Ainda assim, não eram tão atraentes os escritos que li nas paredes, sinais profanos e pentáculos que pareciam ter sido desenhados com sangue.

Eles eram cada vez mais assustadores, alertando para não entrar, não se aventurar mais longe, não tentar o terrível caminho à frente. Eles mandaram deixar meus desejos para trás, pois eles não se tornariam realidade: apenas a morte estava à espera.

Sozinho, cruzava uma terra nova e hostil feita de areia, pequenas áreas de paralelepípedos e musgo crescendo nas fendas das antigas ruínas. Tudo, qualquer coisa possível poderia acontecer naquele momento.

Não muito longe de mim estavam os restos mortais de corpos torturados e crânios descartados, alguns com pêlos ainda neles, amarelados pelo tempo. Também tive a nítida sensação de não estar sozinho.

De repente veio um rangido alarmante, depois um estrondo.

Um painel giratório apareceu na minha frente. Eu empurrei e o que encontrei me deixou sem palavras.

Fui eu mesmo. Eu, mas de uma forma um pouco diferente.

Fui eu mesma que vi, mas não conseguia acreditar.

Eu finalmente teria alguém para conversar e pedir conselhos. Ela poderia talvez me dizer de onde ela veio, o que ela fez e faria.

Ela se parecia comigo nos mínimos detalhes, exceto por suas roupas mais finas. Ela teve muitas aventuras, embora não tão desafiadoras quanto a minha. De um lindo jardim em um mundo distante, ela tropeçou e caiu pela porta dimensional que eu acabara de abrir. Ela então foi jogada de um mundo para o outro e ficou completamente chocada.

Agora éramos duas nessa dimensão paralela, duas heroínas no frio da noite e entre ruínas terríveis. Duas pessoas diferentes, mas gêmeas; duas pequenas almas na noite; duas velas acesas que poderiam reacender uma à outra ou morrer competindo pela chama mais brilhante.

E eu sei que a competição feminina é devastadora. Leva as mulheres a brigar pelo amor de uma traição ou a perder o emprego ao deixar de ganhar o favor do patrão. Esse tipo de competição geralmente é tão poderosa e mortal quanto o veneno. Eu só podia temer isso.

Eu estudei cuidadosamente a atitude de meu clone – meu gêmeo – mas ela provou ser muito amigável e compreensiva. Ela seguiu minha liderança e foi aberta e gentil comigo. À medida que nos aventurávamos mais e mais nas ruínas, nossa harmonia mútua apenas se aprofundou.

Aquele breve momento de serenidade, no entanto – o momento em que percebi que não estava mais sozinho e que poderia esperar um futuro melhor – foi logo perturbado.

1 Eisenberg, GG (1986) Learning Vacations: The All Season Guide to Educational Travel . Quinta Edição. Princeton, Nova Jersey: Guias de Peterson↔#

## **Конец ознакомительного фрагмента.**

Текст предоставлен ООО «ЛитРес».

Прочитайте эту книгу целиком, [купив полную легальную версию](#) на ЛитРес.

Безопасно оплатить книгу можно банковской картой Visa, MasterCard, Maestro, со счета мобильного телефона, с платежного терминала, в салоне МТС или Связной, через PayPal, WebMoney, Яндекс.Деньги, QIWI Кошелек, бонусными картами или другим удобным Вам способом.